Tomara que o PT sobreviva – e se renove

O PT poderá liderar a oposição ao governo Temer desde que não continue errando de modo infantil

EUGÊNIO BUCCI
17/05/2016 - 08h00 - Atualizado 25/10/2016 20h44

Compartilhar Assine já!

Tenho sido severo, talvez em demasia, ao criticar os desvios éticos de integrantes do Partido dos Trabalhadores. Não só aqui, nesta coluna, mas também em artigos na imprensa, em ensaios publicados em livros, em palestras e conferências. Em mais de uma vez, afirmei que dirigentes petistas traíram as utopias que deram origem à sigla e, em mais de uma ocasião, colhi reações ríspidas, palavras duras e mesmo insultos. Às vezes, ao vivo. A sensação não é agradável, mas faz parte da regra do jogo.

Agora, escrevo a favor do PT. Não faço isso porque, desde quinta-feira passada, Dilma Rousseff está afastada da cadeira e da caneta privativas da Presidência da República. Não vou defender o legado do PT agora, justo agora, porque, alijado do poder, ele tenha se tornado uma "carta fora do baralho". O PT não está anulado, neutralizado, descartado. É ainda uma força viva e pode agir com peso decisivo na conjuntura brasileira. Se Dilma não mais retornar ao gabinete principal do Palácio do Planalto, o partido dela ainda poderá sonhar com aquela mesma cadeira e aquela mesma caneta. Poderá ainda liderar a oposição de esquerda ao governo de Michel Temer, desde que não continue errando, de modo infantil, como vem errando até aqui. A defesa que faço agora do PT não é um réquiem, não é uma homenagem fúnebre, não são palavras de consolo dirigidas a alguém que, falecido, não poderá mais nos incomodar. Acredito que esse partido ainda tem o que oferecer ao Brasil. Acredito que o momento em que ele pode se reconstruir começa agora.

O partido nascido no calor das greves operárias do ABC entre a década de 1970 e a década de 1980 não está condenado a desaparecer. Seu futuro é possível, mas não é certo. Dependerá de um ajuste de contas entre o projeto ético de origem e o lodaçal de interesses escusos em que o velho projeto se desmilinguiu. Se continuarem enfiando a cabeça na areia, dizendo a si mesmos que o PT foi vítima indefesa da conspiração da imprensa burguesa, de delegados da Polícia Federal e do ex-senador Delcídio do Amaral, os militantes sinceros que ainda resistem não abrirão as portas do futuro.

Será uma pena se tudo acabar assim, num lamento. Para a democracia brasileira, uma grande pena. O partido não se resume aos desastres dos dois governos Dilma (um e meio, para ser mais preciso) e às histórias mal explicadas de Luiz Inácio Lula da Silva. Há um legado muito mais valioso no coração dessa legenda, e é ele que fará falta ao Brasil. O PT foi o único partido de esquerda que conseguiu unir coerência programática, militância de massa e identidade de classe na história brasileira. Foi protagonista das mobilizações que aceleraram a queda da ditadura militar, esteve à frente da campanha pelo impeachment de Fernando Collor, formou uma nova geração de lideranças sindicais e partidárias que estão aí até hoje e ajudou a criar ou aprimorar instituições da República que hoje funcionam bem.

Quem sonha com um quadro partidário sem a estrela vermelha está sonhando com uma democracia amputada. Pior, pode estar sonhando com uma identidade nacional que nega a si mesma, que cultiva uma autoimagem falsificada. O PT, com todos os seus problemas, problemas descomunais, é parte essencial da política brasileira. Para os que concordam com ele e para os que discordam dele, é uma referência indispensável.

Se ele fenecer, vai ficar faltando um pedaço. Outras agremiações de esquerda não darão conta de ocupar o vazio. O ponto, em suma, é um só: o PT precisa seguir adiante. Mas, para que possa seguir adiante, terá de fazer o balanço de seus descaminhos – e esse balanço só será verdadeiro se for público, a portas abertas. Durante esses anos de agonia – o segundo governo Dilma, interrompido na metade, foi um tempo agônico –, a reação instintiva do partido foi negar, negar e negar. A legenda fez de conta que nada houve de errado e, com esse "fazer de conta", imaginou blindar-se contra os detratores que queriam destruí-la. Engano maior não poderia haver.

A única chance de futuro para o Partido dos Trabalhadores reside justamente no oposto: assumir os erros, todos os que são conhecidos e também os que ainda não foram revelados, entender por que eles aconteceram, punir os responsáveis, renovar a direção e estabelecer seu horizonte programático em linha com o que há de moderno (e não autoritário) na esquerda mundial. É irônico, mas, quando critiquei o PT com severidade, eu estava defendendo o que houve de melhor no PT. E ainda pode haver.